

Santo Agostinho

Confissões

14ª Edição



EDITORIAL A.O.

Tradução (coordenação e revisão)

Lúcio Craveiro da Silva, S.J.
Elias Couto

Capa

Francisca Cardoso

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal

447260/18

ISBN

978-972-39-0851-0

14ª Edição

Novembro de 2018

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441
www.redemundialdeoracaodopapa.pt / livros@snao.pt

AO LEITOR

LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA

Santo Agostinho foi dos mais notáveis pensadores e escritores de todos os tempos e um dos mais fecundos com obra vasta e valiosa. Nos diversos períodos culturais que, depois dele, se sucederam ao longo dos séculos, a sua figura reaparece frequentemente com uma palavra renovadora e, mais do que isso, com perspectivas ricas e sugestivas. É que ele não só liderou os problemas e as interrogações do seu tempo mas mergulhou com humanidade nas ondas tempestuosas da inteligência e do coração e que, por isso mesmo, são de sempre e não perdem atualidade.

Durante a Idade Média e o Renascimento, o seu livro mais citado foi talvez a Cidade de Deus. Desde os tempos de Vieira até hoje, o livro das Confissões figura como a mais conhecida e mais lida das suas obras, embora todas elas, nos seus diversos aspectos, sejam com frequência citadas e comentadas.

O êxito, o valor e a sedução das Confissões estão sobretudo no facto de nelas Santo Agostinho «confessar» com sinceridade, humanismo e flagrância, os problemas da sua vida de homem religioso e atormentado, que são afinal os problemas de todos nós. As suas dúvidas, interrogações e respostas, sendo ecos da vida humana, refletem também ecos da nossa vida e por isso permanecem vivas e atuais.

Daí a razão da presente tradução que, apesar de relativamente recente, possui a sua história que parece conveniente registrar. A outra tradução portuguesa conhecida já pertence ao século XVIII, pois apareceu em Lisboa no ano da graça de 1783, na Régia Oficina Tipográfica, com este título: «Confissões do Grande Doutor da Igreja Santo Agostinho, traduzidas em língua portuguesa por um devoto»¹.

Os tradutores da presente edição não tiveram evidentemente em linha de conta a de 1783, não só por causa do seu tom arcaizante, mas sobretudo por, em muitos pontos, talvez pelo defeituoso do texto latino que utilizou, nem sempre gozar daquela fidelidade que, apesar de todas as dificuldades, se deve pedir a uma tradução séria e quanto possível rigorosa.

O texto latino tomado como base para esta tradução foi o da Les Belles Lettres, estabelecido e traduzido por Pierre Labriolle e cuja primeira edição data de 1926 e o seu valor e rigor científico têm sido confirmados com sucessivas tiragens.

Durante o meu magistério do Curso Superior de Humanidades (1938-1941), tendo em conta sobretudo a formação literária e humanística dos alunos, mas igualmente o seu desenvolvimento cultural, propus-lhes, entre outras iniciativas, a tradução das Confissões de Santo Agostinho, cabendo a

¹ «É provável que o tradutor português se tenha servido apenas da tradução castelhana das *Confissões*, sem cotejar o texto latino». Moreira das Neves, *Cem páginas*, Lisboa, s/d, p. 20.

cada aluno a versão de um livro (dos 13). Nesse tempo tive a sorte de dispor de um grupo pouco numeroso mas valiosíssimo de alunos que depois se notabilizaram e que é justo deixar aqui referidos: Fernando Leite, Júlio Fragata, José Bacelar e Oliveira, Inocêncio Pinho, António Freire, Vitorino de Sousa Alves, Francisco Videira Pires... a que devo juntar sobretudo João Santos e Ambrósio de Pina que, além de traduzirem o seu próprio livro, deram respetivamente a primeira revisão à tradução dos dois tomos da edição utilizada. Só depois é que eu fiz uma revisão completa e definitiva de toda a tradução, acompanhado sobretudo por José Vicente Martins que me ia lendo o texto latino enquanto eu conferia a tradução portuguesa. Assim se pôde conseguir não só maior fidelidade, mas sobretudo maior uniformização de estilo.

Porque eu em seguida me ausentei de Portugal, só a primeira edição explicita que eu revi a tradução, o que foi omitido nas numerosas edições seguintes que felizmente foram coroadas de êxito. Pareceu ao presente editor, P. Manuel Morujão, que eu deveria explicitar o que acabo de escrever, não só para se conhecer de facto o modo como esta tradução foi executada, mas sobretudo para ficar registado o texto que serviu de base a esta tradução, o que é importante para os leitores e investigadores, que têm direito a saber não só quem foram os tradutores e quem se responsabilizou pela tradução, mas sobretudo qual foi o texto latino basicamente utilizado e que lhe confere maior valor.

A razão que então levou aquele grupo de jovens a dedicarem-se com entusiasmo à tradução das Confissões foi não só o valor intrínseco e admirável deste livro cuja mensagem tem ido crescendo ao longo dos tempos, mas ainda o facto de Santo Agostinho ter estado sempre presente na tradição do pensamento português e hoje já quase só dispormos de traduções estrangeiras...

É que teve sempre admirável fortuna na nossa literatura «o maior santo entre os Doutores e o maior Doutor entre os Santos», na frase de Vieira, sendo citado, comentado e celebrado com maior frequência do que os outros pensadores cristãos da idade patristica.

Logo no Livro de Montaria, compilado por D. João I, o culto Rei, tratando no cap. V de como se pode correr montaria e fazer obra meritória, se escora na autoridade de Santo Agostinho no seu livro dos Solilóquios. De facto, os Solilóquios foram dos primeiros livros que se traduziram em linguagem ao alvorecer da nossa prosa; e logo a seguir apareceu o Livro das Meditações de S. Agostinho e o das Confissões, em tradução igualmente, que D. Duarte aproveitou no Leal Conselheiro².

Mas onde encontramos pela primeira vez a figura de Santo Agostinho resplendendo em páginas de génio é sobretudo no Auto da Alma de Gil Vicente. Aí não é apenas citado de passagem; interpreta-se a

² *Leal Conselheiro*, 1842, pp. XX e XXI. Cfr. também *Provas da História Genealógica*, col. 1, p. 544.

uma luz que supõe um contacto íntimo e amoroso com a obra do Doutor mais vasto e humano que possui o catolicismo. Aparece-nos logo de entrada a expor, numa espécie de prólogo, o assunto do Auto, com um estilo que muito lembra a piedade e comoção do Bispo de Hipona, nas suas luminosas Homilias. Mais adiante, Gil Vicente guarda para os seus lábios o bellissimo trecho de lirismo que é a oração «pera Santo Agostinho». Noutros autos, o fundador do nosso teatro se refere ao autor da Cidade de Deus, obra que certamente compulsou, como evidencia Carolina Michaelis³.

Frei Heitor Pinto, na Imagem da Vida Cristã, e Amador Arraes, o erudito autor dos Diálogos, mostram igualmente, pelas frequentíssimas citações, principalmente da Cidade de Deus, medular conhecimento das obras de Santo Agostinho⁴.

É, porém, em Vieira, que o tomara para muito particular patrono⁵, que de novo deparamos, na nossa literatura, com uma interpretação mais viva da vasta figura do autor das Confissões. E, coisa notável, ao passo que até Vieira, o seu livro mais vul-

³ *Notas Vicentinas*, vol. IV, pp. 246 e 126.

⁴ Só ocasionalmente encontrei uma citação das *Confissões* em Amador Arraes, ao referir-se ao episódio da morte de Santa Mónica e às lágrimas de Agostinho. Serviu-se porém de texto latino, pois as citações vêm assim indicadas: *Lib. 9*, cap. 12, *Confessionu*; *Lib. 5*, cap. 8, *Confessionu*. *Diálogos* (1846), Diálogo Primeiro, p. 9.

⁵ *Sermões* (Edições Lello), vol. 8º, *Sermão de Santo Agostinho*, p. 208.

garizado e compreendido fora a Cidade de Deus, o génio e a tormentosa pena do nosso primeiro orador baseia todo o Sermão de Santo Agostinho nas Retratações e nas Confissões, talvez por nesses dois livros encontrar ecos mais vivos da sua própria alma. «Considerado Agostinho como Santo é maior no livro das suas Confissões, porque publicou nele os seus pecados; considerado o mesmo Agostinho como homem, é maior no livro das suas Retratações, porque publicou nele as suas ignorâncias». Noutro lugar: «Na primeira folha dos livros se costuma pôr as erratas do impressor: e Agostinho, com nova e não imitada invenção, pôs as erratas do autor: no livro das Confissões as erratas da vida, no das Retratações as da doutrina. Eu chamara-lhe o “Index rerum memorabilium”».

Com Vieira e depois de Vieira, a alma moderna começou a saborear de preferência as Confissões. Hoje é sem dúvida o livro mais lido de Santo Agostinho, nem é fácil encontrar outro que fale como ele à atormentada alma dos pensadores e homens de letras contemporâneos.

Lúcio Craveiro da Silva
Setembro de 1999

ÍNDICE

<i>Santo Agostinho – Tabu do Ocidente?</i>	7
Eduardo Lourenço	
<i>Ao Leitor</i>	29
Lúcio Craveiro da Silva	

PRIMEIRA PARTE

Livro Um – A Infância	41
1. Invocação ou louvor?.....	41
2. Deus está no Homem; o Homem em Deus	43
3. Deus está em toda a parte.....	44
4. Cantando as perfeições de Deus	45
5. Lágrimas do pródigo	46
6. No alvorecer da vida.....	47
7. Prognósticos de vícios.....	52
8. Como aprendi a falar.....	55
9. Na paixão do jogo	56
10. O orgulho da vitória.....	59
11. No limiar do batistério	60
12. Relutância em estudar	61
13. Gosto do latim	62
14. Aversão à língua grega	68
15. «Ouvi, Senhor...».....	67

16. A mitologia impura.....	68
17. A declamação	70
18. Desprezo das leis eternas	71
19. Perversidade na puerícia	73
20. <i>Magnificat</i>	75
Livro Dois – Os Pecados da Adolescência.....	77
1. Desordens da juventude	77
2. Sob a ação da carne	78
3. «Nas praças de Babilónia».....	80
4. História dum furto.....	85
5. A causa ordinária do pecado	86
6. A alegria do mal	88
7. O perdão.....	91
8. O prazer da cumplicidade	92
9. O riso da maldade.....	93
10. Quero a luz... ..	94
Livro Três – Os Estudos.....	97
1. Amores impuros.....	97
2. Do prazer dramático	98
3. O estudante de retórica e os «demolidores»	102
4. A influência dum livro de Cícero.....	103
5. Perante a simplicidade da Bíblia	105
6. Seduzido pelo maniqueísmo.....	106
7. Vencido pela ignorância e pelos maniqueus	111
8. A moral e os costumes.....	115
9. As imperfeições	118
10. Extravagâncias heréticas.....	119
11. O sonho de Mónica	120
12. Teu filho não perecerá!.....	122

Livro Quatro – O Professor.....	125
1. Nove anos de erro	125
2. Pela estrada larga... ..	126
3. A sedução da astrologia	128
4. A perda dum amigo.....	131
5. O reconforto das lágrimas	134
6. Violência da dor.....	135
7. Deixa Tagaste	137
8. O tempo diminui a dor.....	138
9. A verdadeira amizade.....	139
10. Insatisfação nas criaturas	140
11. Eis a paz!... ..	141
12. O amor em Deus	143
13. O que é o belo?	145
14. Homenagem a Hiério.....	146
15. O problema do belo e do mal.....	148
16. As dez categorias de Aristóteles.....	152
 Livro Cinco – Em Roma e em Milão.....	 157
1. Lábios em prece	157
2. Não se foge da vista de Deus	158
3. Inconsistência do maniqueísmo.....	159
4. Feliz o que conheceu a Deus!.....	163
5. O sábio ignorante.....	164
6. Eloquência de Fausto	166
7. O desiludido	168
8. A caminho de Roma.....	171
9. O flagelo da doença.....	174
10. Erros maniqueístas de Agostinho.....	177
11. Evasivas dos maniqueus.....	181
12. Fraude dos discípulos	182

13. Em Milão. Encontro com Santo Ambrósio.....	183
14. O catecúmeno.....	185
Livro Seis – Entre Amigos	189
1. Amor de mãe	189
2. A obediência de Mónica.....	191
3. O trabalho de Ambrósio.....	193
4. A letra e o espírito	196
5. O valor da Bíblia.....	198
6. Miséria da ambição! O encontro do mendigo.....	200
7. A amizade de Alípio	203
8. Quem ama o perigo... ..	206
9. Por linhas tortas... Alípio e um roubo..	208
10. Dois amigos	211
11. Luta da alma em busca da verdade.....	213
12. Matrimónio e castidade.....	216
13. O pedido de casamento.....	218
14. Projeto desfeito	219
15. Cativo do prazer.....	221
16. Sob a asa de Deus.....	222
Livro Sete – A Caminho de Deus	225
1. Emancipando-se do falso conceito de Deus	225
2. Argumento de Nebrídio contra os maniqueus	228
3. A causa do mal	230
4. Deus é incorruptível.....	232
5. É Deus o autor do mal?	233

6. Os vaticínios dos astrólogos.....	236
7. Ainda o problema do mal.....	240
8. O colírio das dores	243
9. O neoplatonismo e a fé cristã	243
10. O descortinar do mistério divino.....	247
11. A relatividade das criaturas	249
12. O problema do mal. A perfeição das criaturas	249
13. A solução do problema do mal. As dis- sonâncias de pormenor.....	250
14. A trajetória dum erro.....	252
15. A harmonia da criação.....	253
16. Onde reside o mal	253
17. Ascensão dolorosa	254
18. O único caminho para a verdade	256
19. Hesitante na doutrina do Verbo	257
20. Do platonismo à Sagrada Escritura.....	260
21. Entre o esplendor da verdade e o pla- tonismo.....	261
Livro Oito – A Conversão.....	265
1. «A pérola preciosa»	265
2. A conversão de Vitorino	268
3. A alegria do que volta a Deus	273
4. O regozijo da Igreja.....	275
5. A luta das vontades.....	277
6. Narração de Ponticiano	281
7. Reação de Agostinho	285
8. No jardim de Milão. Luta espiritual ...	288
9. A vontade em guerra	290
10. Contra os maniqueus	291

11. O espírito e a carne. Últimas lutas.....	295
12. A conversão.....	297
Livro Nove – O Batismo	303
1. Em colóquio com Deus.....	303
2. O adeus à cátedra.....	305
3. Saudades dum amigo	307
4. Na quinta de Cassiciaco	310
5. Em comunicação com Santo Ambrósio	318
6. O batismo.....	318
7. O canto na Igreja. Prenúncio de perse- guição	320
8. A morte de Mónica em Óstia. Sua edu- cação	322
9. Mónica, esposa modelar	326
10. O êxtase em Óstia	330
11. Últimos desejos de Mónica.....	333
12. Lágrimas de dor	336
13. Preces pela mãe	340

SEGUNDA PARTE

Livro Dez – O Encontro de Deus.....	347
1. O apelo à verdade.....	347
2. Deus tudo penetra.....	348
3. Confessar-me aos homens?!	349
4. O fruto das «Confissões»	351
5. A ignorância humana	353
6. Quem é Deus?.....	354
7. Ultrapassando a força corpórea... ..	358

8. O palácio da memória.....	359
9. A memória intelectual.....	363
10. A memória e os sentidos.....	364
11. A memória e as ideias inatas.....	365
12. A memória das matemáticas.....	367
13. A memória lembra-se de se lembrar.....	367
14. A lembrança dos afetos da alma.....	368
15. A memória das coisas ausentes.....	370
16. A memória lembra-se do esquecimento ..	371
17. Da memória a Deus.....	374
18. A lembrança do objeto perdido.....	375
19. O que é a reminiscência?.....	376
20. Como procurar a felicidade.....	378
21. A lembrança da felicidade.....	380
22. A alegria é só em Deus.....	382
23. A felicidade na verdade.....	382
24. Deus na memória.....	385
25. Onde?... ..	385
26. O encontro de Deus.....	386
27. Tarde vos amei.....	387
28. Miséria da vida humana.....	387
29. Toda a esperança está em Deus.....	389
30. Tríplice tentação.....	389
31. A gula.....	392
32. A sedução do perfume.....	397
33. O prazer do ouvido.....	398
34. A sedução dos olhos.....	400
35. A curiosidade.....	404
36. O orgulho.....	408
37. A tentação do louvor.....	411
38. A vanglória.....	414

39. O amor próprio.....	415
40. A busca de Deus.....	416
41. A tríplice concupiscência.....	417
42. Falsos mediadores.....	418
43. Cristo, mediador imortal.....	420
Livro Onze – O Homem e o Tempo	423
1. Confessar a Deus o que Ele já conhece?	423
2. Os arcanos das palavras divinas	424
3. Como compreender Moisés?	428
4. Deus no poema da criação.....	429
5. A Palavra criadora	430
6. A voz ecoando no silêncio	431
7. O Verbo de Deus, coeterno com Deus	433
8. Nós, discípulos do Verbo.....	434
9. A luz do Verbo em mim	435
10. Que faria Deus antes da criação?	436
11. O tempo não pode medir a eternidade	437
12. O que fazia Deus antes da criação do mundo	438
13. O eterno «hoje».....	439
14. O que é o tempo?.....	441
15. As três divisões do tempo	442
16. Pode medir-se o tempo.....	445
17. Através do pretérito e do futuro.....	446
18. O vaticínio do futuro pelo presente.....	447
19. Oração ao Senhor do futuro	449
20. Conclusão desta análise: nova termi- nologia.....	450
21. Novas dificuldades: como pode medir-se o tempo?.....	450

22. Senhor, desfazei este enigma!	452
23. O tempo é uma certa distensão	453
24. O tempo não é o movimento dos corpos	456
25. «Senhor, iluminareis as minhas trevas» ..	457
26. Nova teoria sobre o tempo	458
27. Uma experiência.....	460
28. O tempo e o espírito	464
29. A unidade do meu ser	465
30. Para além dos tempos... ..	466
31. Deus conhece de modo diferente das criaturas	467
Livro Doze – A Criação	469
1. A grande tortura.....	469
2. Dois céus.....	470
3. Trevas sobre o abismo.....	471
4. A matéria informe	472
5. Sua natureza.....	472
6. O conceito de matéria informe.....	473
7. A criação do céu e da terra.....	474
8. O princípio do mundo visível	475
9. O caos transcende o tempo	477
10. Invocação da verdade	477
11. Revelaste-me	478
12. Duas criaturas prescindem do tempo... ..	481
13. Interpretação das primeiras palavras bíblicas.....	482
14. A profundidade da Escritura	483
15. Em discussão.....	484
16. Adversários rejeitados	488
17. Opiniões diversas	489

18. Interpretações legítimas	492
19. Interpretações únicas	493
20. Diversas interpretações	494
21. Segundo versículo do Génesis.....	495
22. Objeções	496
23. Duas espécies de questões.....	499
24. O pensamento de Moisés	500
25. A refutação.....	501
26. Se eu fosse o escritor do Génesis!.....	504
27. O passarinho implume.....	505
28. Multiplicidade de interpretações.....	507
29. Objeções e prioridade da matéria	509
30. A concórdia.....	512
31. Moisés e os diversos sentidos da Bíblia	513
32. Senhor, inspira-me!	514
Livro Treze – A Paz	517
1. Benefícios de Deus para com o homem	517
2. Deus, subsistência da criação	519
3. O manancial divino.....	521
4. Deus não precisa das criaturas	521
5. A Trindade divina.....	522
6. Porque pairava o Espírito sobre as águas?	523
7. Dons do Espírito Santo	524
8. A inquietação e o regaço de Deus	525
9. O peso do amor	526
10. Tudo o que temos é dom de Deus	528
11. A conceção da Trindade.....	529
12. O «Fiat lux» na Igreja	530
13. Somos lamparina que há de ser estrela..	531
14. Na esperança	533

15. A Escritura e os anjos	535
16. A ciência, luz e vida.....	538
17. Águas amargas, alegoria dos mundanos	539
18. Os justos, astros no firmamento	541
19. Alegoria da «terra enxuta».....	544
20. Interpretações místicas	547
21. A alma cristã	549
22. Renovação de espírito.....	553
23. De que coisas pode julgar o homem espiritual	555
24. «Crescei e multiplicai-vos».....	559
25. «Os frutos da terra»	563
26. S. Paulo.....	564
27. Os «peixes» e os «cetáceos»	568
28. A obra da criação é essencialmente boa	568
29. Fora do tempo.....	569
30. Erros dos maniqueus sobre a criação....	570
31. Deus ilumina o nosso olhar	571
32. O conjunto da criação.....	573
33. A matéria e a forma do universo	575
34. Simbolismo da criação.....	575
35. A paz.....	578
36. O penhor da vida eterna.....	578
37. O repouso de Deus	578
38. A ação de Deus em nós	579
Índice	581